

A UNIÃO NOS CENTROS ESPÍRITAS

Um amigo

2.012

A união faz a força.

(ditado popular)

Amai uns aos outros como Eu vos amei.

(Jesus Cristo)

ÍNDICE

Introdução

1 – As Igrejas do Cristianismo primitivo

1.1 – Pedro e Paulo

1.2 – A assistência social

1.3 – As comunicações mediúnicas

1.4 – Os postos de comando

1.5 – Os trabalhadores anônimos

1.6 – A união de todos em benefício da Obra

1.7 – A autodisciplina interior

1.8 – Jesus: o Comando Supremo

2 – Os Centros Espíritas

2.1 – Allan Kardec

2.2 – Bezerra de Meneses

2.3 – Francisco Cândido Xavier

2.4 – As entidades unificadoras

2.5 - Os postos de comando

2.6 - Os trabalhadores anônimos

2.7 – Os médiuns

2.8 – Os grupos de estudo

2.9 – A assistência social

2.10 – O dever de colaborar para a sustentação material dos Centros Espíritas

2.11 – A concorrência aos postos de comando

Conclusões

INTRODUÇÃO

Aprender a viver em coletividade é o mais importante objetivo que Deus traçou para os Espíritos, pois assim estarão cumprindo a Lei de Amor Universal.

Não podemos limitar nossa afetividade aos que pensam de forma semelhante à nossa, nem àqueles que pertencem ao nosso círculo parental, pois que só há uma Família, que é composta por toda a humanidade, uma vez que as instituições humanas são transitórias e válidas apenas para os estágios mais primitivos da evolução, enquanto que as Leis Divinas são eternas e o que é estabelecido por elas vale e produz efeitos em qualquer fase da biografia de cada Espírito individualmente e da humanidade toda como coletividade universal.

Sendo, como são, os atuais Centros Espíritas, grupamentos de seguidores do Cristo, trabalhadores em regime de voluntariado, seu padrão de convivência só pode ser o do Amor Universal, que Ele pregou no dia a dia de Sua encarnação.

Não se pode tomar outro referencial que não esse, pois, acima do fato de se tratarem de agremiações terrenas, reguladas pelos respectivos estatutos, conforme as leis humanas, apresentam uma peculiaridade que os diferencia substancialmente das demais, que é seu comando verdadeiro estar enfeixado não nas mãos dos dirigentes e demais servidores encarnados, mas sim nas dos Espíritos Superiores responsáveis por cada grupamento, estes que estão submetidos a outros mais graduados, formando uma pirâmide, que termina no Coração Misericordioso de Jesus, o Sublime Governador da Terra.

Em comum com as entidades jurídicas terrenas os Centros Espíritas somente têm o dever de obediência às

regras jurídicas de constituição das associações civis, as quais podem ter quaisquer objetivos não proibidos por lei, enquanto que os Centros Espíritos visam objetivos muito mais espirituais do que quaisquer outros, sendo que até as atividades assistenciais se submetem a esses objetivos.

As Igrejas fundadas nos tempos apostólicos de Pedro e Paulo, como se sabe, funcionavam informalmente, ou seja, não eram cadastradas como entidades jurídicas, todavia, representam modelos de espiritualidade implantada no mundo terreno, que, todavia, com o correr do tempo, se desvirtuaram, transformando-se no Catolicismo, com a instituição do sacerdócio como profissão, daí surgindo os desvios que todos conhecem e que perduram até hoje. Esqueceram-se esses profissionais da Religião e outros, que adotam o profissionalismo como forma de conduta, que Jesus nunca autorizou tal tipo de atitude, pois que cada um deve ganhar o pão de cada dia com o suor do próprio rosto, ao mesmo tempo que pode se dedicar à religiosidade, principalmente participando de grupamentos, a título de trabalho voluntário.

Assim procederam os apóstolos e os discípulos em geral, naqueles tempos recuados da História do Cristianismo, e, depois da implantação no mundo terreno da Doutrina Espírita, os verdadeiros espíritas, que, além de não se poderem dizer tais aqueles que visam benesses materiais, também está vedada essa qualificação aos que não empreendem todos seus esforços para domar suas más tendências, como são o egoísmo, o orgulho e a vaidade, chagas da humanidade.

Portanto, se percebemos que nos faltam essas qualificações, tratemos de aperfeiçoarmo-nos para ingressar

nessas entidades ou nelas permanecer, todavia, sabendo, sempre, que somos meros servidores, que, além do companheirismo que devemos ter em relação aos outros confrades encarnados, devemos atinar para a seriedade dos compromissos que temos para com os Dirigentes Espirituais da entidade a que nos filiamos.

Destoando das regras morais estabelecidas pelas Leis Divinas, estaremos representando fontes de discórdia, elementos de perturbação e focos de desarmonia, que poderão prejudicar, sobretudo, os Espíritos Superiores no cumprimento do seu mandato, pelo qual são responsáveis, no qual não podem falhar e que, com a autoridade de que estão investidos por seus Maiores, nos concitam a também cumprirmos os deveres que nos competem.

O autor

1 – AS IGREJAS DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

No seu extraordinário livro “Paulo e Estêvão”, o Espírito Emmanuel informa, através da psicografia iluminada de Francisco Cândido Xavier, que as comunidades cristãs daqueles primeiros tempos eram, em quase tudo, semelhantes ao que hoje são os Centros Espíritas sintonizados com as Orientações dos Espíritos Superiores, ou melhor, os Centros Espíritas atuais repetem o estilo das primeiras Igrejas do Cristianismo, onde inclusive era corriqueira a prática da mediunidade.

Jesus tinha derribado o preconceito sobre o intercâmbio entre o mundo espiritual e a realidade dos encarnados, sendo que, em inúmeros momentos, mostrou que esse intercâmbio era natural e, portanto, deveria ser praticado, sendo apenas um dos exemplos mais conhecido o evento que ficou conhecido como Pentecostes, quando o número de manifestantes espirituais contou-se às centenas.

Realmente, não faz sentido os encarnados duvidarem de que podem se comunicar com os desencarnados.

Dentro do possível e com bom senso, devemos esclarecer as pessoas interessadas em conhecer a Verdade de que o mundo definitivo, permanente, ou seja, nossa verdadeira pátria é o mundo espiritual, sendo a realidade terrena meramente temporária, para tanto criando-se planetas para ali se realizarem as encarnações dos Espíritos em sua trajetória evolutiva, mas destinados a um dia desaparecerem, enquanto que os Espíritos seguem adiante, indo habitar outros mundos mais evoluídos e, ao atingirem o nível de Espíritos Puros, passam a um tipo de vida por enquanto inimaginável para nossa inteligência limitada.

Infelizmente, com o advento do Catolicismo, esse intercâmbio foi banido das práticas cristãs, perseguindo-se os médiuns, que passaram a ser tratados como bruxos e condenados à morte pelo Tribunal do Santo Ofício.

Surgindo no cenário europeu, as correntes religiosas reformistas, capitaneadas por Lutero, Zwinglio e outros, apesar das melhorias que trouxeram, mantiveram a mesma incompreensão sobre o intercâmbio entre as duas realidades, o que muito prejudicou a evolução intelecto-moral dos ocidentais e de todos os orientais que se converteram ao Cristianismo.

Foi preciso que a Doutrina Espírita fosse implantada no mundo terreno, a partir do século XIX, para que aquelas antigas práticas voltassem a ser tratadas como realidade corriqueira, com benefícios gerais, nesse aspecto muito se devendo à mediunidade missionária de Francisco Cândido Xavier, que apagou as dúvidas dos homens e mulheres livres dos preconceitos e da má vontade em conhecer a Verdade.

Voltando o relógio do tempo, lembrando as Igrejas cristãs primitivas, vemos ali a prática do estudo das Lições de Jesus, através de anotações esparsas feitas pelos mais letrados enquanto que muito se conservava através das tradições orais, que passavam de uns aos outros em palestras e diálogos memoráveis.

Havia, no geral, muito espírito de serviço em relação à Causa, na propagação da Mensagem do Cristo, ao mesmo tempo que na prática da caridade em relação às necessidades materiais e aos sofrimentos morais das pessoas em geral.

Essa união em torno do ideal comum de “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” manteve muitas comunidades cristãs em atividade e possibilitou o

surgimento de outras, que se multiplicaram pelo mundo civilizado.

Muito se fez graças aos milhares de anônimos, cujos nomes a História do Cristianismo não registrou, mas que eram conhecidos da Espiritualidade Superior, que os orientava e sustentava em suas lutas idealistas.

1.1 – PEDRO E PAULO

Um dos maiores desserviços que se pode prestar a qualquer trabalho idealista é comparar servidores, pretendendo afirmar quem é o melhor. Aliás, Jesus afirmou que “o maior é aquele que mais servir a todos” e que o distintivo que identificaria Seus discípulos seria o Amor com que amassem a todos. Todavia, queremos chamar a atenção para dois desses missionários, que, agindo em colaboração com inúmeros outros - pois todo trabalho no Bem é coletivo - deixaram marcas profundas no Cristianismo.

Justamente aquele que fraquejou na hora do testemunho, negando ser discípulo do Divino Mestre, se transformou em baluarte da fé inabalável, sustentando os inseguros e vacilantes.

Quanto ao segundo, depois de desempenhar o lamentável papel de verdugo dos adeptos de Jesus, doou-se de corpo e alma à Sua Causa, além de servir como referência para todos que tinham errado muito e queriam redimir-se.

Por isso, quando se vê alguém culpado de graves equívocos, não se deve apedrejá-lo moralmente, pois o destino fatal de todos é o Bem, quer nesta encarnação quer no futuro: Pedro e Paulo são dois desses exemplos.

Principalmente Paulo, talvez graças ao “espinho na carne” que trazia, desdobrou-se em realizações que contribuíram para a universalização das Lições de Jesus.

Ambos eram médiuns de potencialidade extraordinária, e, à medida que cresciam na autorreforma interior, introjetando as Lições do Cristo, conseguiram realizar maiores prodígios, induzindo as pessoas de boa vontade à crença na Verdade verdadeira, que superava, de muito, as

noções rigoristas do Judaísmo e a religiosidade primária dos pagãos.

A humanidade terrena muito deve a esses dois missionários, todavia nunca se podendo justificar o desvirtuamento representado na implantação do papado, usando-se indevidamente o nome de Pedro, nem também algumas teses surgidas a partir do falseamento das epístolas paulinas.

Emmanuel mostra o perfil verdadeiro desses dois apóstolos, muito diferente da figura caricatural que lhes impingiram os “doutos” encarregados da justificação do poderio material do Catolicismo.

Nenhum dos dois se postou, por iniciativa própria, nas posições de comando, mas foram escolhidos pelo próprio Divino Mestre para assumirem a iniciativa de realizações que os destacavam frente aos que passavam a segui-los. Ninguém também os elegeu, mas se fizeram naturalmente tomados como referência pelo muito que renunciavam a si próprios em favor da Causa e da atenção com cada um em particular: esse o perfil de quem deve dirigir as agremiações: ter sido escolhido pelos Dirigentes escolhidos pelas suas qualidades de renúncia a si próprios e Amor ao próximo.

1.2 – A ASSISTÊNCIA SOCIAL

Tratava-se de mera consequência do espírito caritativo pregado pelo Divino Mestre, mas não o objetivo principal das Igrejas, que visavam o esclarecimento espiritual, pois que, em caso contrário, se tornariam meras dispensadoras de recursos materiais e curas de corpos doentes.

Cumpria trabalhar a reforma moral, através da reflexão baseada nas Lições de Jesus, muito mais que simplesmente resolver os problemas da miséria material, da falta de instrução e de trabalho. Todavia, as duas atividades complementavam-se, pois não há como falar-se em reforma moral para alguém cuja necessidade mais urgente é a fome. Alimentado, porém, o corpo, deve-se alimentar a alma do necessitado, para que ele cresça a partir da própria iniciativa, como Espírito em evolução que é e que necessita muito mais de esclarecimento ético-moral que de alimento para o corpo ou cura para suas mazelas orgânicas.

Aliás, dizia o Divino Mestre: “Nem só de pão vive o homem, mas de tudo que sai da sua boca.”

Com razão se diz: “Mais importante que dar o peixe é dar a vara e ensinar o necessitado a pescar.” Assim terá a dignidade do trabalho, que, aliada à reforma moral, transformará cada um em um ser humano feliz e útil à coletividade.

1.3 – AS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

Na verdade, as Orientações dos Espíritos Superiores eram dadas aos primeiros cristãos através de médiuns em reuniões periódicas, servindo de leme para as atividades que se desenvolviam naqueles grupamentos de idealistas.

Paulo vivia em contato permanente com a Espiritualidade Superior, o mesmo se dizendo de Pedro e outros tantos, repassando as lições recebidas pela via mediúnica para os demais, que as transmitiam em efeito cascata.

Caso tivessem se restringido apenas às reflexões dos próprios encarnados, tornar-se-ia o Cristianismo mais uma corrente religiosa como outras tantas: um dos seus mais importantes traços diferenciais era o intercâmbio com o mundo espiritual, de onde promana a Verdade.

Sem a mediunidade, igualmente, o Consolador sequer teria sido implantado no mundo terreno.

É de estranhar como a maioria das correntes cristãs ignora a mediunidade, pois que é a única porta para o recebimento da Verdade, sem a qual a estagnação toma conta dos cérebros encarnados, que passam a repetir-se e nunca encontram o caminho certo e retilíneo que conduz à Verdade, que, apesar de absoluta, somente é revelada progressivamente aos encarnados, na medida em que se fazem mais bem preparados intelecto-moralmente para tanto.

A única porta que existe para tanto é a mediunidade com Jesus.

1.4 – OS POSTOS DE COMANDO

Os Dirigentes Espirituais, responsáveis perante a Espiritualidade Superior pelos resultados bons ou maus de determinado grupamento religioso, conhecem a programação espiritual de cada servidor, pois cada um foi preparado, antes da encarnação, de forma a poder bem desempenhar suas tarefas: assim, quanto aos médiuns, dirigentes encarnados, doutrinadores etc.

Não há espaço para a improvisação no trabalho espiritual mais qualificado e, assim, um grupo religioso somente tem condições de dar bons resultados se cada um se posiciona na função para a qual está realmente habilitado desde há muito tempo. Não se fazem oradores, médiuns, servidores qualificados apenas pelo estudo de algumas obras ou frequência a um curso, tanto quanto, no trabalho profissional terreno, são necessários muitos anos de experiência para alguém se poder considerar realmente um bom profissional.

Escolher alguma atividade que não condiz com nossas reais habilidades é colocar em risco todo o trabalho da equipe, que ali poderá ter um ponto fraco, com tendência a romper-se a corrente, porque todo trabalho de equipe necessita, além da união dos seus membros, da boa qualificação de cada um dos seus membros.

Comandar é tarefa que tem seus espinhos ocultos e que deve ser assumida apenas por aqueles que trazem essa missão ou prova na sua programação encarnatória: não é sinal necessariamente de superioridade, mas normalmente indício de débitos graves, tanto quanto a maioria dos médiuns não são tais por merecimento, mas pela necessidade de se

redimirem através do exercício desse tipo de serviço de Amor ao próximo e assim por diante.

Francisco Cândido Xavier nunca foi dirigente de qualquer entidade, pois tal tarefa não constava da sua programação espiritual. Bezerra de Menezes reencarnou com a programação de trabalhar pela unificação da Doutrina Espírita, para tanto sendo necessário assumir a presidência da FEB, da qual foi um dos fundadores. Mohandas Gandhi nunca assumiu qualquer posto de comando no esforço de libertação da Índia.

Por esses exemplos, que podem ser multiplicados, se pode reconhecer que dirigir é compromisso espiritual e não tarefa que deva ser disputada como acontecem quanto aos cargos públicos, preenchíveis alguns por concurso, outros por eleição e outros por livre escolha dos governantes terrenos, no entanto não há nada em comum entre os cargos públicos e as funções nos movimentos religiosos, pois não são as eleições nestes últimos que realmente nos legitimam perante a Espiritualidade Superior.

Cada um deve “colocar a mão na consciência” e verificar qual a tarefa que lhe compete, sem confundir os interesses terrenos com a Causa do Cristo.

Já erramos em tempos passados ou recentemente em misturar os interesses de César ou de Mamom com os de Deus, mas, na atualidade, já esclarecidos o suficiente, devemos nos precaver desse tipo de equívoco.

1.5 – OS TRABALHADORES ANÔNIMOS

A imensa maioria dos Espíritos Superiores, na maioria das suas reencarnações, não têm seu nome registrado na História, pois desempenham missões aparentemente apagadas, quando, na verdade, são as realmente decisivas para a melhoria intelecto-moral da humanidade.

Notoriedade não significa valor, sendo que, por isso, os registros do mundo espiritual relatam os acontecimentos importantes para a evolução da humanidade normalmente destacando personagens que não são os intelectuais, os políticos, os líderes, os guerreiros e os artistas conhecidos do mundo terreno, mas sim outros, que, muitas vezes anônimos, são estrelas humanas, que assinalam a trajetória da evolução para que ainda não desenvolveram luz própria para seguirem a estrada da evolução.

Esses Missionários somente aceitam posições de destaque quando absolutamente necessário para o cumprimento da sua missão: veja-se o exemplo do Prof. Rivail, que, para assumir o trabalho de Codificador da Doutrina dos Espíritos, deixou para trás seu nome, consagrado no Magistério do seu país, e assumiu o pseudônimo totalmente desconhecido de Allan Kardec.

É a contragosto que os Espíritos Superiores suportam o “endeusamento” que seus admiradores lhes consagram, todavia procuram alertá-los para nunca pensarem dessa forma. Não foi sem razão que Jesus alertou Seus discípulos no sentido de que somente o Pai Celestial merece o qualificativo de Bom, enquanto que Ele próprio somente admitiria o título de professor, pois que isso realmente o era, uma vez que Lhe incumbia transmitir o conhecimento das Leis Divinas, mas nada além disso.

Sentir-se inferior pelo fato de ser anônimo significa desconhecer a importância que cada um tem no contexto geral, tanto quanto desejar a notoriedade representa outra forma de ignorância, qual seja a de que o único valor do nosso trabalho é seu conteúdo espiritual.

Maria de Nazaré preferiu o anonimato, mesmo sendo a Mãe Santíssima da humanidade terrena: aí o mais expressivo exemplo de superioridade espiritual, tanto quanto Jesus continua atuando anonimamente, através dos Seus Emissários, não se melindrando por não ter sido reconhecido como o Sublime Governador da Terra por mais da metade dos Espíritos da Terra, aliás, uns que O consideram mero revolucionário comum e outros até Lhe atribuem epítetos pejorativos ou vulgaridades e inferioridades que caracterizam a humanidade terrena...

1.6 – A UNIÃO DE TODOS EM BENEFÍCIO DA OBRA

Mohandas Gandhi, mesmo sendo hinduísta, afirmou que o Sermão da Montanha representa o resumo da Religião para toda a humanidade.

Os Missionários do Cristo renascem nos rincões mais diversos do planeta e inserem-se nos mais diversos movimentos evolutivos, sem nenhum preconceito, pois o que lhes importa é impulsionar a humanidade para o Amor Universal e não provocar o divisionismo injustificável: renascem para fazer evoluir o Conhecimento sob suas mais variadas especializações, mas, sobretudo, a Ética, resumível no Amor Universal.

Aderem indistintamente ao Cristianismo, ao Judaísmo, ao Islamismo, ao Hinduísmo etc., mas, trazem como emblema diferenciador da sua superioridade espiritual a vivência da Fraternidade, exemplificando sempre a união de todos em prol da felicidade geral.

Nenhum Espírito Superior incentiva o separatismo ou o desprezo pelas demais criaturas. Gandhi, por exemplo, nunca incentivou o ódio aos ingleses, mas sim conscientizou seus concidadãos a procurarem as formas pacíficas de libertarem seu país do jugo britânico, que não tinha razão de persistir.

Jesus aconselhou-nos a “dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, ou seja, não disputar, não medir forças com os que ainda vivem em função da materialidade, mas ajudá-los, dentro do possível, a compreender as Coisas de Deus.

A Doutrina Espírita representa, realmente, a Terceira Revelação das Leis Divinas, o Consolador prometido por Jesus, mas nem por isso as outras correntes religiosas deixam de representar importantes focos de espiritualidade, que

devemos respeitar e valorizar como aliadas no progresso intelecto-moral da humanidade. Tanto é verdade que a maioria dos Espíritos Superiores que nos orientam na Doutrina Espírita são egressos do Catolicismo, como Joanna de Ângelis, Emmanuel e tantos outros.

Se é verdade que deve prevalecer a união com os nossos irmãos de outras crenças religiosas quanto mais em relação aos confrades espíritas, não fazendo sentido qualquer pensamento, sentimento ou atitude divisionista no movimento espírita, pois nossa luta não deve ser contra pessoas mas a favor de ideias, resumíveis no “Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.”

1.7 – A AUTODISCIPLINA INTERIOR

As leis humanas procuram conter os seres encarnados dentro dos limites da razoabilidade na vida de relação, nem sempre o conseguindo, porque, na verdade, somente a autodisciplina interior tem o condão de fazer com que cada um pense em si como uma peça na engrenagem social, agindo em harmonia com as demais peças, para o bem comum.

É importante essa conscientização, sem a qual as dificuldades para o todo ocorrem por causa da atuação individual desarmônica.

O exemplo máximo de autodisciplina interior foi dado por Jesus, que, apesar de ser o Sublime Governador da Terra, planeta formado por Ele e Seus Assessores Especializados, com a finalidade de aqui fazer aportar todos os seres por cuja evolução se responsabilizou frente ao Pai, mesmo assim nunca desrespeitou a liberdade de opção de cada ser humano, a ponto de aceitar Sua própria injusta condenação e morte infamante, como se fosse criminoso comum.

Nos grupamentos religiosos, considerando-se que a meta mais importante é a evolução intelecto-moral, não faz sentido qualquer tipo de desentendimento fundamentado nos pruridos do personalismo, tão comum nas coletividades cuja finalidade é puramente material.

Autodisciplinar-se representa um dever impostergável de cada membro das entidades religiosas, tendo Jesus como ponto de referência e o “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos” como tema de reflexão e prática constantes.

Quando Jesus aconselhou o “orai e vigiai” estaria pensando inclusive nas futuras agremiações religiosas que se fundassem, pois aí também poderia ser lançado o fermento da

discórdia, ferrugem moral que tem feito deteriorarem-se muitas entidades, dificultando o cumprimento de planos laboriosamente traçados pelos Orientadores Espirituais.

Se há a harmonia perfeita entre os trabalhadores do mundo espiritual, do lado de cá quase sempre aparecem problemas, reflexos da desarmonia interior de alguns de nós.

Quem não se pacificou interiormente, reproduz no exterior o caos que vive interiormente: isso é um fato real.

Não basta atuar aparentemente de forma solidária, mas é preciso que realizemos nossa autorreforma moral, como ensinava Allan Kardec, ao dizer que somente se poderiam dizer espíritas aqueles que se empenhassem na superação de suas más tendências, estas que podem ser resumidas no orgulho, egoísmo e vaidade.

O orgulho nos faz pensar que somos mais importantes que os nossos irmãos e irmãs em humanidade; o egoísmo nos conduz a querer todas as benesses para nós e não entender que, perante Deus, somos todos iguais; a vaidade nos induz a procurar uma evidência que não merecemos, porque, aliás, ninguém deve pleitear qualquer evidência que não seja útil aos demais.

Jesus ensinou a humildade, que Lhe é peculiar, sequer admitindo o qualificativo de Bom, apesar de reconhecer-Se professor, pois que Lhe incumbia a missão de transmitir o conhecimento das Leis Divinas; viveu dentro de um padrão de desapego total, pois que sequer tinha um pedra onde assentar a cabeça; somente assumiu posições de relevo quando tal se fez necessário para “colocar a candeia sobre o candeeiro, a fim de dar luz a todos os que se encontravam na casa.”

A autodisciplina interior não deve se converter em autoflagelação, mas sim na alegria espontânea de conviver

com todos, respeitando as diferenças, dialogando mas nunca violentando a liberdade de pensamento de cada um, pois Jesus assim procedeu. Até os hipócritas e mal intencionados que advertiu nunca foram humilhados por Ele, que os aconselhou com Amor e compaixão pela sua incompreensão decorrente do atraso ético-moral.

Quando lemos os textos evangélicos devemos interpretar as palavras do Divino Mestre com bom senso e nunca literalmente, sendo que, assim, compreendemos que as expressões aparentemente rudes que usou em certas ocasiões traziam a impregnação do Seu Amor e nunca de agressividade contra aqueles a quem Se dirigia.

Aprendamos a fazer o mesmo!

1.8 – JESUS: O COMANDO SUPREMO

A Obra pertence ao Pai Celestial, mas Jesus é o Sublime Governador da Terra, responsável pela nossa evolução, para tanto fornecendo-nos todos os elementos possíveis a fim de que superemos gradativamente as faixas do primitivismo e ingressemos na sintonia mental superior.

A Atuação de Jesus não se resume, naturalmente, a enviar Seus discípulos mais eminentes para conviver conosco e nos transmitir as infirmações necessárias à nossa evolução intelectot-moral. Não temos condições de imaginar Sua atuação exatamente, mas podemos imaginar que Ele irradie Seu pensamento de forma constante em direção aos seres do nosso planeta, como Deus o faz em relação ao Universo, assim se justificando Sua expressão: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.”

Ele é o Caminho, porque não há outro Espírito de tamanha perfeição encarregado da nossa evolução; a Verdade, porque as Leis Divinas somente Ele as conhece em grau superlativo, como referência para nossa humanidade; a Vida, porque Ele fecunda, com Seu Amor infável, todos os seres que aqui habitam.

Nosso conhecimento sobre o funcionamento do Universo é ínfimo, sendo, aliás, que desconhecemos até quem somos, na expressão mais profunda dessa afirmação, pois o autoconhecimento, para os Espíritos Superiores, representa o conhecimento de sua trajetória evolutiva englobando milhares de anos, enquanto que nós, no geral, não temos acesso à nossa própria biografia que ultrapasse a encarnação atual.

Devemos aprender a mentalização, procurando sintonizar com Jesus, para receber d’Ele os impulsos mentais propulsores da nossa mudança de tónus vibratório, sem o que

repetiremos as emissões de baixa frequência com tendência à estagnação.

O pensamento é a maior força do Espírito, que deve exercitar-se no seu desenvolvimento, assim seguindo na trilha que o Divino Mestre nos ensinou quando disse: “Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda.”

O Comando Supremo do nosso planeta está enfeixado nas Mãos Piedosas de Jesus, por isso não havendo a mínima possibilidade de falha no cumprimento do Seu Cronograma para a evolução coletiva, sendo que a individual depende da nossa opção pelo Bem ou pelo Mal.

As nossas instituições religiosas desempenham o papel de escolas de aprendizado ético-moral, mas também de desenvolvimento intelectual nos assuntos que interessam ao Espírito, ou seja, tirantes aqueles que dizem respeito à simples subsistência material.

Na verdade, se é importante a escola formadora de profissionais para trabalhar nos ofícios materiais, as agremiações religiosas são formadoras do caráter, visando o que realmente é importante para o Espírito.

Jesus não deve ser, para nós, mero símbolo de Perfeição, mas Alvo a quem devemos dirigir nossos pensamentos mais elevados; Modelo para nossos sentimentos mais puros em relação aos semelhantes e referencial para nossa conduta diária de convivência com nossos irmãos e irmãs em humanidade.

Não fazemos ideia do Amor que Jesus vota a cada um de nós individualmente, mas podemos ter certeza de que Ele sempre nos ouve e atende na medida das nossas justas necessidades evolutivas.

Dirijamo-nos sempre a Ele, com certeza e confiança irrestritas!

2 – OS CENTROS ESPÍRITAS

Multiplicam-se os Centros Espíritas, sobretudo no Brasil, mais como grupamentos humanos do que como construções materiais, sendo seu objetivo maior o desenvolvimento intelectual e moral dos encarnados, todavia, com prevalência para o segundo do que o primeiro.

Intelectualizar-se não é suficiente para a evolução do Espírito, pois, sem a moralidade, se transforma em mera ferramenta de utilidade duvidosa, que, devido ao pouco desenvolvimento moral da maior parte da humanidade, muitas vezes serviu de caminho para o abismo dos desvarios, de que a História está referta, quando narra acontecimentos catastróficos, normalmente provocados por líderes descompromissados com o Amor do Pai.

Se é verdade que temos, nos Centros Espíritas, a preocupação nobre no estudo das Obras da Codificação e das complementares - todas que adotam como base o Evangelho de Jesus - maior empenho devemos ter com a transformação, em nós mesmos, das noções teóricas em pensamentos, sentimentos e ações no Bem.

A asa espiritual do Amor deve ser maior e mais forte do que a da inteligência para nos tornarmos realmente irmãos dos nossos irmãos e irmãs em humanidade. Em caso contrário, se as duas se igualarem ou a da inteligência for mais possante, seremos inteligências horizontais, incapazes de alcançar a Verdade, que é Deus, que somente se revela aos que pensam com o coração, enxergam com os olhos do Amor e vêem em tudo e em todos a Sua presença.

Aprender a Amar é uma luta constante que devemos travar dentro de nós mesmos, corrigindo o que destoia do traçado retilíneo que deve ser o desenvolvimento interno.

Amar é realizar a perfeição relativa, que Sócrates, Francisco de Assis, Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Francisco Cândido Xavier, Bezerra de Menezes, Sathya Sai Baba e outros grandes Mestres da Sabedoria ensinaram à humanidade, na qualidade de alunos de Jesus, que Lhes serve de Modelo Perfeito.

Quem ama realmente nunca provoca a desunião; sabe valorizar o trabalho útil de cada um; respeita os pontos de vista alheios, mesmo discordando deles; congrega todos em torno da Causa do Bem e nunca escraviza as individualidades que nele confiam como orientador.

Allan Kardec, lembrado como intelectual, deve merecer de nós uma visão mais próxima da verdadeira, porque, ao se dedicar à grande Causa do Esclarecimento humano, estava imbuído de grande compaixão pela ignorância, que gera os sofrimento e sabia que simplesmente “dar o pão sem ensinar a pescar” não passa de paliativo para os problemas humanos, enquanto que, compilando e comentando as Lições dos Espíritos Superiores, estava contribuindo muito mais para a felicidade geral através da segurança que passaríamos a desfrutar como solucionadores dos nossos próprios problemas.

Não só Jesus é Modelo para o desenvolvimento do Amor em nós, mas também Kardec.

Meditemos sobre a necessidade da preponderância do Amor Universal, muito mais importante que a mera cultura livresca ou as informações culturais que assimilamos, que, se não nos autorreformarmos moralmente, nos farão simplesmente nos fazem mais orgulhosos, egoístas e vaidosos.

Dizem os Espíritos Superiores que quem ama está sempre à frente de quem simplesmente sabe.

Há muitos intelectuais dentro dos arraiais espíritas, como os há dentro das demais correntes religiosas: trazem de memória informações em grande quantidade, discorrem brilhantemente sobre pontos controversos inacessíveis aos menos letrados, são verdadeiros repositórios vivos da vasta literatura respectiva, mas muitos ainda não sensibilizaram o coração para a humildade verdadeira, o desapego aos interesses materiais e às oportunidades de destaque dispensável. Por isso, sua contribuição se assemelha aos antigos “doutores da Lei”, que, talvez muito mais por Amarem pouco do que por qualquer outra razão, não entenderam a Mensagem de Jesus, compreensível apenas aos que sabem o que é o Amor, e Lhe impuseram a condenação; ou a dos que, na Idade Média, por não Amarem o suficiente, fecharam as portas das Igrejas ao povo, mantendo-o na ignorância, quando lhes competia educá-lo, como fez Francisco de Assis.

O simples fato de adotar esta ou aquela corrente religiosa ou filosófica de conseqüências espiritualizantes não é suficiente para a evolução do Espírito, a qual só ocorre pelo desenvolvimento da capacidade de Amar.

Até a própria evolução intelectual depende da essência espiritual de cada um, pois a Verdade só é revelada aos “pequeninos”, ou seja, àqueles que se reconhecem tais perante Deus.

Amemos para merecer conhecer a Verdade, esta que, como afirmou Jesus, “nos libertará” das nossas limitações e quintessenciará nossa realidade interior!

2.1 – ALLAN KARDEC

Enquanto que hoje em dia, no Brasil e nos demais países em geral, a profissão de professor é sobremaneira desvalorizada, pois que é muito grande o seu número e não há recursos financeiros do Estado para pagar-lhes uma remuneração condigna, dizer que o Espírito Luminoso que encarnou para desempenhar a missão de Codificador da Terceira Revelação teria como meio de sobrevivência material esse ofício pode suscitar interrogações naqueles que ainda enxergam tudo sob o prisma dos interesses do mundo.

Como poderia alguém tão elevado intelecto-moralmente viver com os míseros rendimentos do magistério, que, na verdade, sempre foram uma peculiaridade dessa profissão tão nobre quanto imprescindível para as coletividades civilizadas?

Todavia, tal se fazia necessário, por vários motivos, inclusive para que estivesse ele exercitado na ciência da exposição didática de qualquer assunto, além de que o que tinha prioridade não era a forma de sobrevivência daquele missionário de tão grandes méritos, mas sim sua missão espiritual, toda voltada para a Causa do Cristo, que, como regra geral, para ser cumprida, desnecessita de dinheiro, prestígio e outros valores transitórios do mundo. Precisava-se de um cérebro e um coração inteiramente dedicados aos Divino Mestre desde os primeiros tempos da humanidade terrena: esse o perfil do discípulo escolhido.

Assim, o professor Rivail viveu modestamente durante mais de cinquenta anos da sua encarnação, todavia preparando-se para aquilo que seria a meta de sua encarnação, ou seja, entrar, na época certa, em contato com os desencarnados e deles, através de diversos médiuns,

receber a Revelação da Verdade compatível com o grau de desenvolvimento intelecto-moral da humanidade encarnada do século XIX.

A Programação traçada no mundo espiritual previu a encarnação, em pontos estratégicos, de centenas de médiuns da mais alta qualificação intelecto-moral; intelectuais comprometidos com os altos ideais do Progresso da humanidade e a Retaguarda Espiritual, composta por Espíritos Superiores, que ensinariam aos encarnados as Leis Divinas sob os ângulos da Filosofia, da Ciência e da Religião.

Allan Kardec era, sobretudo, um Espírito Sublimado pela dedicação a Jesus, depois de assim ter demonstrado em todas as suas encarnações, algumas delas que lhe foram reveladas e cuja divulgação ele mesmo autorizou, não para vangloriar-se, mas com finalidades didáticas: a mais antiga tendo sido aquela em que esteve nas Gálias, onde desempenhou o sacerdócio no Druidismo e, posteriormente, tendo vivenciado na Boêmia a personalidade de João Huss, um dos que pregava o retorno ao Cristianismo puro e verdadeiro dos tempos apostólicos.

Em relativamente poucos anos, que superaram apenas uma década, reuniu, de forma didática, as informações que importavam à humanidade encarnada conhecer da realidade espiritual, mas, atendendo ao que seus Mentores, dentre os quais o próprio Cristo, deu a publicidade apenas o necessário, deixando para o futuro a revelação do que seria prematuro.

Realmente, assim procedem todos os grandes Missionários, pois a Verdade somente produz bons resultados se é conhecida na medida certa da capacidade de compreensão de quem a ouve. Jesus mesmo assim procedeu,

prometendo, todavia, enviar o Consolador, ou outro Consolador, para continuar no ensino da Verdade.

Compenetrado das suas limitações pessoais frente a uma tarefa tão abrangente e da imensa responsabilidade que lhe pesava nos ombros, Kardec confiou a Jesus suas dúvidas e o receio de falhar, mas o Divino Mestre garantiu-lhe o apoio necessário e assim aconteceu, ao final, cumprindo o missionário lionês sua nobilíssima tarefa com a humildade, o desapego e a simplicidade que lhe caracterizavam a personalidade totalmente devotada ao Bem e à fé absoluta em Jesus e no Pai Celestial.

Estudar as obras assinadas por Allan Kardec é imprescindível para quem pretenda ingressar nas hostes espíritas, tanto quanto para alguém ser médico tem de passar pelos bancios de uma universidade: salvo exceções especialíssimas, alguém consegue desempenhar proficuamente uma tarefa na Doutrina Espírita sem ter estudado, e não apenas lido, as obras de Allan Kardec.

O Codificador grafou alguns comentários sobre o que aprendeu com os Espíritos, mas pouco fez mais que isso, não se aventurando a emitir conclusões próprias: por isso foi chamado de Codificador, ou seja, organizador, uma vez que não lhe competia mais que isso, pois os Ensinos eram dos Espíritos e a Doutrina é dos Espíritos.

Qualquer pessoa pode observar que o trabalho dos encarnados na literatura espírita é menor do que nas demais correntes religiosas, pois que se entende que a Revelação vem do mundo espiritual e, enquanto encarnados, essa condição lhes limita o acesso à Verdade, ao contrário de quando alguém está livre do corpo de carne, ou seja, no mundo espiritual.

Não se quer dizer que os encarnados estão proibidos de escrever sobre a Doutrina Espírita, mas, na verdade, sua contribuição é relativamente pequena frente à dos desencarnados, pela razão assim apontada.

2.2 – BEZERRA DE MENEZES

Os valores definitivos são aqueles consagrados no mundo espiritual e não os que se consideram na sociedade dos encarnados, sendo que, por isso, os heróis, líderes, intelectuais e homens e mulheres que normalmente brilham nas instituições terrenas comparecem perante a realidade espiritual na posição de mendigos, com as mãos estendidas em súplicas pungentes pelos equívocos cometidos, compromissos espirituais deixados de lado e carentes de urgente reforma moral, enquanto que muitos que aqui vivem em completo anonimato, exercendo profissões e trabalhos considerados menores ou até insignificantes, são recebidos como missionários que “venceram o mundo” tal como Jesus afirmou quanto a Si próprio: “Eu venci o mundo”, não em atitude arrogante, mas ensinando-nos a superar os atavismos interiores, que nos fazem dar valor exagerado às coisas e interesses materiais.

Bezerra de Menezes, quando ainda no mundo espiritual, foi encarregado de reencarnar no Brasil a fim de trabalhar pela unificação do movimento espírita, uma vez que as divergências grassavam mais por conta do amor-próprio de muitos adeptos do que por causa de quaisquer outros fatores. Assim, renasceu num corpo de carne, mais uma vez, o Espírito luminoso daquele que tinha encontrado Jesus como Zaqueu e, que, “caindo em si”, reconheceu a precariedade dos interesses mundanos e passou a ser mais um dentre os mais fiéis seguidores do Divino Mestre.

Bezerra não foi escolhido por ser o mais intelectualizado dos servidores do Cristo; nem pela sua oratória, que arrastasse multidões; nem por uma capacidade de comandar como o fazem os que se habituaram a dar ordens e ser

obedecidos; mas sim pela sua notável capacidade de aceitar o diálogo simples e sincero com naturalidade, nunca se julgando superior aos que pensam de forma diferente da sua, bem como pela paciência e caridade espontâneas, que faziam dele um porto seguro para qualquer tipo de pedido de ajuda.

Fiel devoto de Maria de Nazaré, a quem sempre chamou de “Mãe Santíssima”, refletia na sua conduta pessoal a d’Aquele que é a Mãe simbólica da humanidade da Terra, ou seja, a que recebe no Seu regaço maternal todas as súplicas, mesmo as daqueles que, por orgulho, não Lhe dirigem diretamente seus pedidos de socorro de que carecem.

Assim tem sido Bezerra desde quando Zaquau deixou suas riquezas materiais para trás, indenizando todos a quem prejudicou, seguindo as pegadas do seu Divino Pastor e, aos poucos, credenciando-se como um dos mais importantes servidores de todos, pois muito cresceu sua capacidade de Amar Universalmente.

O movimento de unificação deve muito a ele, que, todavia, não pode obrigar aos que ainda trazem o fermento da discórdia a desistirem do personalismo e pensarem que o proprietário da Vinha é Deus e que somente Jesus é o Pastor, sendo todos nós meras ovelhas do Seu Rebanho, de quem Ele cuida com desvelos que sequer temos capacidade de avaliar.

Divergências de pontos de vista não devem nunca prejudicar a irmandade que nos coloca sob o “jugo suave” do Divino Mestre, O qual aceitou apenas o qualificativo de professor, pois que o é realmente.

Se não temos ainda condições de conviver irmãmente com nossos próprios confrades, quanto mais teremos recursos internos para enxergarmos como irmãos e irmãs os adeptos de outras crenças e aqueles que em nada crêm!

Mesmo Bezerra tendo permanecido à frente do movimento unificador depois de sua desencarnação, ainda não conseguiu pacificar todos os corações, que se emocionam com suas falas e escritos de alta sensibilidade moral, mas logo retornam às rixas e disputas em torno de interpretações doutrinárias ou postos de comando na Obra, esses que não nos pertencem, pois que somos meros servidores que muito devem e poucos méritos possuem, ao contrário de Bezerra, que, se ainda trouxesse um mínimo resquício de egoísmo, já estaria em mundo muito superior ao nosso.

A homenagem que devemos prestar a esse humilde servidor de todos, que é um dos Grandes no Reino dos Céus, é ensarilharmos as armas da animosidade e da incompreensão recíproca e trabalharmos todos ouvindo pacientemente as opiniões divergentes e respeitando os pontos de vista de cada um, pois unificação não significa impedir a liberdade de pensamento, mas sim estarmos unidos pelo Amor Universal, sob o comando de Jesus e obedientes à Lei Divina do “Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.”

2.3 – FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Se é verdade que Allan Kardec foi encarregado de reunir os Ensinos dos Espíritos, organizando-os e apresentando-os de forma didática, para implantar-se no mundo terreno a Doutrina Espírita, coube a Francisco Cândido Xavier, na sua missão de médium, servir de intermediário para Emmanuel, André Luiz e outros Espíritos Superiores, trazerem para os encarnados os conhecimentos que significariam o desdobramento das informações divulgadas pelo mestre lionês.

Sem Francisco Xavier, que psicografou mais de quatro centenas de livros, além de milhares de mensagens, o Espiritismo seria mais ou menos o mesmo que o Cristianismo primitivo sem Paulo de Tarso.

O que diferenciava o médium mineiro era sua entrega total ao Ideal do Cristo, manifestada desde seus primeiros anos de vida, aliás, repleta de renúncias inimagináveis para a maioria dos seres humanos que ainda não realizaram a autorreforma moral.

Chico, como preferia ser chamado, viveu uma infância onde os sofrimentos foram superlativos, passou pela adolescência trabalhando em serviço estafante, continuou até sua aposentadoria exercendo profissões apagadas, teve oportunidade de frequentar pouco o colégio e dedicou-se à mediunidade desde os verdes anos da sua extraordinária trajetória terrena até sua desencarnação longeva e equiparável à de Francisco de Assis e outros Luminares da humanidade.

Quando Emmanuel lhe apareceu à vidência pela primeira vez, estabeleceu como regra de trabalho na mediunidade a tríade: “disciplina, disciplina e disciplina,” o

que foi cumprido sem qualquer desvio, possibilitando que se materializassem no mundo terreno as informações julgadas importantes para a progressividade da Revelação, compatível com a capacidade de assimilação dos encarnados.

Talvez, nessa quantidade e variedade incalculável de dados, o que mais tenha marcado os encarnados, impulsionando-os intelecto-moralmente, tenham sido as revelações de André Luiz sobre o mundo espiritual e as memoráveis análises de Emmanuel sobre lições evangélicas, que ele esclareceu e desdobrou em conselhos para a vida diária, tudo encaminhando as criaturas para a autorreforma íntima, com base na Moral do Cristo.

Se apenas tivesse psicografado as obras que vieram do mundo espiritual através das suas mãos dedicadas ao Bem, já teria prestado um imenso benefício à humanidade, mas não se restringiu a isso o missionário de Pedro Leopoldo, porque, no seu contato com as pessoas que tiveram a felicidade de vê-lo de perto e também aquelas outras que tomaram conhecimento da sua forma verdadeiramente cristã de viver, contribuiu para mudar o rumo de milhares de vidas, acrescentando-lhes a fé no Amor Universal, que irmana toda a humanidade.

Inclusive adeptos de outras crenças tiveram em Chico Xavier um exemplo a ser seguido, tanto quanto se têm como unanimidades universais Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Francisco de Assis, João XXIII e João Paulo II, dentre outros.

Nunca exerceu, na Doutrina Espírita, outra função que não a de médium, fazendo questão de mostrar-se como mero intermediário dos Espíritos, jamais se apresentando como chefe, dirigente, modelo ou qualquer referencial de destaque pessoal. Aliás, se assim o fizesse, teria falhado na sua missão,

pois que a humildade, o desapego e a simplicidade são requisitos imprescindíveis para alguém se tornar um canal humano para os Espíritos Superiores.

Autoqualificando-se como servidor imperfeito, o que realmente se reconhecia, punha-se em condições de sintonia com a Verdade, representada pelas lições dos Espíritos Superiores, com os quais mantinha contato, sem deixar de procurar servir à causa da caridade junto aos Espíritos sofredores, bem como enxergar em cada encarnado um irmão ou uma irmã muito queridos, a quem procurava ajudar de variadas formas.

Na verdade, sua longa existência possibilitou o máximo de desenvolvimento da Doutrina Espírita, que lhe deve tanto quanto a Allan Kardec, pois a popularizou, fazendo-a acessível a milhões de pessoas, sobretudo no Brasil, para onde Jesus tinha transplantado a *Árvore do Evangelho*, conforme relata Humberto de Campos, em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, psicografada pelo próprio Francisco Cândido Xavier.

Afirma-se que prometeu reencarnar brevemente, a fim de continuar servindo à humanidade encarnada, como fiel adepto do Cristo, o que, na verdade, estará representando uma necessidade para todos nós, que, sem as orientações dos Espíritos Superiores, caminhamos quase às cegas, com a pouca luz que trazemos dentro de nós.

Todavia, homenagear esse Espírito Superior, que é Chico Xavier, não será fazendo-lhe elogios, que, aliás, o constrangem e desagradam, como “lodo verbal”, como entende acertadamente André Luiz, mas seguindo-lhe os exemplos de prática das virtudes, dentre as quais a de enxergar em cada ser humano o que ele tem de melhor e

**trabalhando pela união de todos na implantação da
Fraternidade Universal.**

2.4 – AS ENTIDADES UNIFICADORAS

Se Bezerra de Menezes foi encarregado de trabalhar pela unificação do movimento espírita é sinal de que tal unificação se faz necessária para o progresso do Espiritismo, que, em caso contrário, correria o risco de esfacelar-se, tal qual ocorreu com o Cristianismo, que se subdividiu em ramificações desnecessárias, as quais, ao invés de se auxiliarem umas às outras, na missão de evangelização da humanidade, passaram a guerrear-se como verdadeiras adversárias, retratado, por exemplo, nas lutas sangrentas entre católicos e protestantes, que, em alguns pontos do globo, ainda permanecem até os dias de hoje...

Não há por que entender que a unificação deva ser interpretada como centralização indevida da Doutrina Espírita nas mãos de poucos encarnados, tidos por alguns como privilegiados da sorte, todavia, em contrapartida, não devem os dirigentes das entidades unificadoras se julgar superiores aos demais espíritas, pois não há outro Comando que não seja o de Jesus, o Divino Governador da Terra.

A liberdade de pensamento não pode ser restringida, por um lado, tanto quanto a consciência de cada um cobrará pelos desvios que eventualmente vier a cometer no trato com “as coisas santas.”

O ponto de equilíbrio é, justamente, o Amor que cada um deve implantar no seu próprio íntimo, assim os dirigentes trabalhando com absoluta renúncia a qualquer intenção ditatorial e os demais trabalhadores vendo nos dirigentes servidores incumbidos de espinhosa tarefa perante a Espiritualidade Superior.

Dirigir não é privilégio, mas encargo pesado; ser servidor anônimo não é humilhação, mas exercício de humildade, desapego e simplicidade.

Tomemos como exemplo Chico Xavier, que nunca dirigiu qualquer entidade espírita, mas sim desempenhou apenas a missão mediúnica.

Cada um de nós traz para a encarnação seu mapa de provas e deve cumprí-lo, sem procurar analisar se os demais servidores estão agindo bem ou mal na tarefa que lhes compete, assim realizando aquilo que Jesus aconselhou: “Não atineis para o cisco que existe no olho do vosso irmão enquanto que trazeis uma trave no vosso próprio olho.”

Bezerra é outro modelo a ser seguido, pois, sendo dirigente, nunca impediu o diálogo, nem cerceou a livre manifestação do pensamento e de opinião de quem quer que fosse, respeitando em cada um sua forma de entender, e, com sua capacidade de ouvir e respeitar, pacificou e uniu todos na prática da caridade, sob a bandeira da Fraternidade.

Cada um será cobrado pela Justiça Divina, refletida na própria consciência, pelo emprego dado aos “talentos” que o Senhor da Vida tiver lhe depositado nas mãos para seu próprio desenvolvimento intelecto-moral e para o Bem de todos!

2.5 – OS POSTOS DE COMANDO

Jesus, mesmo sendo o Sublime Governador da Terra, não se sentiu diminuído ao lavar os pés dos Seus discípulos que tiveram merecimento para conviver mais de perto com Ele até o final da Sua encarnação. E, na verdade, lavaria os pés de qualquer ser humano, sem nenhum pejo, porque nos considera como Seus irmãos e irmãs em humanidade.

Mohandas Gandhi nunca quis assumir qualquer posto de comando no seu país, enquanto que Madre Teresa de Calcutá, mesmo exercitando a humildade em grau superlativo, aceitou o encargo de dirigente da entidade religiosa que fundou.

Cada um procede como melhor lhe apraz, escolhendo uma das duas opções, não significando necessariamente que os dirigentes sejam orgulhosos e os servidores sem cargo sejam humildes, pois o orgulho e a humildade estão dentro de cada um independente das exterioridades.

Como dito no início deste estudo, uma diferença substancial existe entre as entidades espíritas e as associações civis comuns, que é o fato da verdadeira direção das primeiras estar enfeixada nas mãos dos Espíritos Superiores encarregados da sua direção. Nós, os encarnados, se estivermos sintonizados interiormente com eles, teremos sua assistência e cumprimos bem nossas tarefas e, em caso contrário, falharemos na nossa encarnação.

A sintonia com esses Irmãos Maiores se processa pelo pensar, sentir e agir de acordo com as Leis de Deus e somente por essa forma.

Não são as eleições que legitimam alguém em qualquer atividade religiosa, mas sua escolha pelos Espíritos Superiores. Aliás, no mundo espiritual, que é o modelo que

devemos aprender a seguir, não há eleições, mas escolhas feitas pelos Espíritos Mais Elevados. Aqui no mundo terreno, aos poucos, iremos adotando os padrões vigentes na nossa “verdadeira pátria”, que é o mundo espiritual.

Mesmo continuando a adotar-se o sistema de eleições, que coloquemos nosso coração e nosso cérebro em sintonia com os Espíritos Superiores para nos propormos às tarefas de direção, se assim nos intuem aqueles Espíritos, ou trabalharmos sem cargos, se nossa consciência assim nos aconselha, pois o que importa é servir à Causa do Cristo, como “trabalhadores da última hora” que quase todos somos.

2.6 – OS TRABALHADORES ANÔNIMOS

O anonimato é apenas aparente, pois, analisando-se pelos registros do mundo espiritual, cada um é encarregado daquilo que suas qualidades intelecto-morais comportam. Assim, um servidor da cozinha pode ser um elemento de absoluta confiança dos Espíritos Superiores, enquanto que um médium psicógrafo pode ser um mero aprendiz na ciência de servir.

Os referenciais dos encarnados trazem muito dos preconceitos e atavismos da sociedade materialista. Por isso, quando surgiu no mundo terreno, o Cristianismo desviou-se, privilegiando os poderosos do momento, que assumiram seu comando, instituindo, por fim, o papado, o que significou a entronização do orgulho em alguns, com sérios prejuízos para a propagação da Verdade e evangelização da humanidade.

O pensar, o sentir e o agir é que contam perante os Espíritos Superiores e não qualquer título relacionado com a realidade material.

Sirvamos todos, irmãmente, que o Cristo anotará nossos nomes no rol dos Seus alunos na Universidade de Deus!

2.7 – OS MÉDIUNS

Se é verdade que não se consegue mercadejar impunemente com as “coisas santas”, pleiteando favores materiais, também não é menos certo que a consciência e a Justiça Divina nos cobrarão se pretendermos ganhar evidência inútil às custas da mediunidade.

Jesus, o Médiun de Deus, teve de assumir publicamente Suas faculdades peregrinas, pois que tal estava programado, no entanto, em muitas ocasiões Ele determinou aos beneficiários que não divulgassem sua cura e outros auxílios que tinham recebido das Suas mãos sacrossantas.

Diversos discípulos do Divino Mestre mudaram de nome, procurando o anonimato, como Saulo, deixando o destaque social que tinha desfrutado no meio judaico e assumindo o nome de Paulo, em homenagem a um benemérito romano; Simão, que ficou conhecido como Pedro; Jeziel, que passou à História do Cristianismo com o nome de Estêvão; e assim por diante.

O próprio professor Rivail, mesmo não se declarando explicitamente médiun, adotou o pseudônimo Allan Kardec ao iniciar seu trabalho na Codificação, com esse pseudônimo se responsabilizando perante a legislação terrena, pelos livros que formaram a Codificação, com a mesma finalidade, pois sabia que o que importava era a Verdade revelada e não quem se apresentava como autor dos mencionados livros.

Naquela época poucos médiuns tiveram seu nome registrado, dentre os quais Hume e Slade, sendo que a imensa maioria nunca permaneceu anônima, não pelo receio das perseguições religiosas, que caracterizavam a época, mas por pura consciência de que o importante era servir à Causa do Cristo, sem alardes.

Na nossa época, Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco e alguns outros trouxeram na sua programação reencarnatória a evidência no meio espírita, com a finalidade de propagarem a Doutrina e a popularizarem no planeta, todavia, muitos outros foram e são convidados a desempenhar suas tarefas sem a notoriedade no meio onde vivem.

O importante são as Revelações e não os nomes dos Espíritos que as assinam, pois que muitos deles utilizam pseudônimos (André Luiz, Emmanuel etc.), e, muito menos, os nomes dos médiuns, simples intermediários dessas verdades.

Muitos médiuns que se tornam famosos, atualmente, o que, na verdade, em nada acrescenta ao trabalho divulgador, e, ao contrário, coloca em risco a própria qualidade da sintonia mental dos médiuns, que devem primar pela humildade, desapego e simplicidade.

Trata-se este de um alerta, pois o próprio Chico Xavier, sabedor dos perigos do “endeusamento”, recusava sempre todo qualificativo elogioso e se afirmava um simples “verme” humano, como forma de não assimilar qualquer indução à própria egolatria.

Na qualidade de médiuns, o que deve nos interessar é nossa autorreforma moral, que nos propiciará a sintonia com nossos Orientadores Espirituais, e o estudo, que nos proporcionará o conhecimento não só de como funciona essa faculdade, bem como dos assuntos relacionados com o Espiritismo.

2.8 – OS GRUPOS DE ESTUDO

Na época do Cristianismo primitivo existiam, nas igrejas, grupos de estudo das Lições do Cristo, reunindo-se periodicamente para explicações e trocas de ideias entre os adeptos.

A Doutrina Espírita, como se sabe, nada mais é do que a revivescência ampliada das realidades daqueles tempos apostólicos, onde também se pratica esse tipo de atividade, realizada nos Centros Espíritas, sobretudo para conhecimento das obras da Codificação e as complementares mais necessárias.

Sem ter estudado meticulosamente as obras da Codificação, seremos meros “palpiteiros” quanto às verdades ensinadas pelos Espíritos Superiores, compiladas e expostas didaticamente por Allan Kardec.

A Doutrina Espírita, verdadeira transposição dos grandes Conhecimentos do mundo espiritual para a realidade dos encarnados, não representa uma simples “ilustração cultural”, como se fosse uma disciplina a mais das universidades terrenas, mas é, ao contrário, o mais importante meio de informação do que realmente importa ao ser humano encarnado saber, sob as cores da Filosofia, Ciência e Religião.

A própria preparação profissional fica em segundo plano, pois que diz respeito apenas à sobrevivência durante o período da encarnação atual, que, por mais longa que seja, representa um átimo na eternidade.

Conhecer as Leis Divinas é o objeto do estudo da Doutrina Espírita, sendo ela, sem desprezarmos as demais correntes religiosas, científicas ou filosóficas, a mais completa de todas, justamente por reunir em si mesma os três

segmentos, que, normalmente, são tratados isoladamente no mundo terreno, quanto também, e, principalmente, pelo fato das informações virem do próprio mundo espiritual, onde a Verdade se estampa clara e limpidamente, sem os prejuízos e limitações da realidade material.

Conhecer a Doutrina Espírita representa uma oportunidade ímpar de acesso à Verdade, a que Jesus se referiu, todavia, por isso mesmo, implica em acréscimo de responsabilidade, uma vez que o conhecimento da Verdade em maior amplitude e profundidade obriga a maior investimento na autorreforma moral, não podendo ser encarado como mera titulação intelectual para entronização do orgulho, da vaidade e do egoísmo.

A Doutrina Espírita é, sobretudo, uma visão atualizada do Cristianismo, em cujo Comando se acha a figura de Amor e Sabedoria do Cristo Jesus, o Sublime Governador da Terra.

“Espíritas, amai-vos e instruí-vos”: eis aí uma das orientações mais importantes que os Espíritos Superiores transmitiram para nós!

2.9 – A ASSISTÊNCIA SOCIAL

Como esclarecido sempre, o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus, reproduzindo, com maior amplitude e os desdobramentos que a evolução intelecto-moral da humanidade propiciaram, as realidades do Cristianismo primitivo, onde também existiam as atividades de assistência social.

Lidar com as dificuldades das pessoas que sofrem com a pobreza e a falta de oportunidade de instruir-se e de acesso à saúde representa uma das atividades da Doutrina Espírita.

Sem esse trabalho, fica incompleta nosso programa de ação, pois é uma forma da prática da caridade, reconhecida pelo próprio Codificador como imprescindível, quando disse: “Fora da caridade não há salvação.”

Muitas correntes filosóficas se abstraem do contato com os sofredores e, por isso, perdem o contato com Jesus, O qual sempre esteve entre os mais necessitados, afirmando: “O doente é que precisa do médico.”

A Doutrina Espírita, sem a prática da caridade material e o contato com as necessidades das classes sociais mais pobres, poderia ser tudo, menos o Consolador, ligada diretamente ao Coração e à Mente do Divino Mestre.

Dar de nós próprios e do que não nos é imprescindível para viver é um dos deveres que nos compete na assistência social.

Os Centros Espíritas são verdadeiras escolas de Fraternidade, de Amor Universal, fazendo-nos inclusive refletir sobre os problemas sociais, por cuja solução somos responsáveis tanto quanto as entidades governamentais e os demais cidadãos.

Sem o “mãos à obra” pouco adiantam as noções teóricas, que devem traduzir-se, na prática, nos trabalhos voluntários em favor dos que precisam de nós para saciarem a fome, curarem-se de doenças e adquirirem instrução intelectual e moral.

2.10 – O DEVER DE COLABORAR PARA A SUSTENTAÇÃO MATERIAL DOS CENTROS ESPÍRITAS

Na qualidade de entidades filantrópicas, a maioria dos Centros Espíritas normalmente vive maiores ou menores dificuldades financeiras, pois muitos que os procuram para pedir auxílio espiritual ou material se esquecem dessa realidade.

Na verdade, nada se cobra em troca da dedicação aos irmãos e irmãs em humanidade, mas a realidade é que existem as obrigações financeiras com o pagamento de impostos, taxas e despesas como energia elétrica, água, mão de obra para reformas etc.

Quem possa colaborar financeiramente para a manutenção dessas entidades estará contribuindo para que elas continuem em atividade, em benefício geral.

O quanto cada um possa dar nesse sentido é uma questão individual, de foro íntimo, sendo que o trabalho pessoal também pode substituir a contribuição financeira.

De qualquer forma, quem dá sua contribuição em favor do Bem, recebe a recompensa da paz na consciência.

2.11 – A CONCORRÊNCIA AOS POSTOS DE COMANDO

Quando os discípulos da primeira hora perguntaram a Jesus quem era o maior no Reino dos Céus, o Divino Mestre lhes respondeu que era o que mais e melhor servisse a todos os seus irmãos e irmãs em humanidade.

Na verdade, quem pretende servir não precisa de posto de comando para ser útil, tanto quanto, se for convocado para alguma tarefa de direção, deve aceitá-la, se nesse sentido sinalizar a voz da sua consciência.

Vigorando, segundo os estatutos dos Centros Espíritas, o regime eleitoral, é conveniente que, antes de qualquer iniciativa, todos se compenetrem de que estão realmente pensando, sentindo e agindo como Jesus recomendou e, somente depois de verificada essa certeza, deve-se proceder à escolha daqueles que, perante as leis terrenas, representarão a entidade jurídica, por algum tempo.

Há quem traz na sua programação reencarnatória a tarefa da direção, outros vêm com os encargos mediúnicos, outros com a de palestrantes e assim por diante.

Ninguém é importante pela tarefa em si, mas pela qualidade da sua sintonia com os Espíritos Superiores, os quais primam pela humildade, desapego e simplicidade e não compactuam com qualquer forma de desvirtuamento das Leis de Deus!

CONCLUSÕES

- 1) Nas igrejas dos tempos apostólicos, fundadas por Simão Pedro, Paulo e outros discípulos eminentes de Jesus, a união era a tônica entre os adeptos, sendo que os fundadores se sentiam no dever de mais doarem de si próprios em favor de todos, enquanto que os aprendizes procuravam seguir os bons exemplos daqueles homens e mulheres de Deus;
- 2) Sendo a Doutrina Espírita o Consolador prometido por Jesus, seus adeptos, reunidos em grupamentos representados pelos atuais Centros Espíritas, devemos adotar idêntica forma de conduta, seguindo os exemplos dos mais devotados dentre nós, abaixo de Jesus, que são os nossos Orientadores Espirituais, alguns deles que ficaram conhecidos na História do Espiritismo ou de alguma atividade humana, como Bezerra de Menezes, Francisco Cândido Xavier e outros;
- 3) Bezerra de Menezes é o Espírito encarregado da unificação do movimento espírita, tendo recebido essa missão por sua capacidade de ouvir e respeitar as diferenças, além do seu caráter paternal e caritativo, que lhe dão a autoridade que Jesus somente confere aos que muito Amam;
- 4) Nada justifica qualquer desunião: nem a diferença de pontos de vista, que deve ser respeitada, sendo imprescindível que todos trabalhem em benefício da Causa de Jesus com a humildade, o desapego e a simplicidade que Ele ensinou;
- 5) Cumprindo nossa tarefa, sem atentar para as limitações intelecto-morais dos demais irmãos e irmãs, estaremos evoluindo, para, no final, merecermos o título moral de servidores fiéis a Deus, a Jesus e a Kardec.